

GÊNERO E SEXUALIDADE SOB A ANÁLISE ARQUEGENEÁLOGA DO SABER - PODER

GENDER AND SEXUALITY UNDER THE ARCHEGENEALOGICAL ANALYSIS OF KNOWLEDGE – POWER

Claudio Noel de Toni Junior¹

RESUMO: Por meio de leituras das obras de autores da Filosofia francesa como Bourdieu e Foucault, discorrem os clássicos citados como forma de percepção das desigualdades sociais, econômicas e de gênero nas sociedades capitalistas sobre formas de dominação. Dominação masculina nas obras de Bourdieu, do capital econômico que geram desigualdades em que muitos detêm a maior parte da riqueza entre as nações, ao formar classes inteligíveis e aquelas que não tem direitos a uma vida digna de proteção do Estado. Além das desigualdades sociais e simbólicas e de como o sujeito pode se reinventar através de lutas e resistências em um mundo líquido e desigual, na busca de novas formas de viver, para que nas esferas socioeconômicas e simbólicas se possa deixar viver pela resistência e pelo governo de si. O objetivo do artigo é a descrição de que as pessoas possuem regramento jurídico aparentemente iguais perante a lei, mas que, na prática a intolerância de raças, gênero, além das desigualdades socioeconômicas, do branco pobre, por exemplo, faz com que sejam minimizados direitos das classes com menores chances de vencer o poder, como a comunidade LGBTQIA+. A relevância e importância do artigo vai além da mensuração socioeconômica dos indivíduos e se comunica com interações simbólicas do ser e do ter, na questão moral e ética de como o sujeito pode se governar a si e aos outros, mesmo vivendo em um país desigual como o Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade LGBTQIA+; Governamentalidade; Resistências; Saber-poder.

ABSTRACT: Through through readings of the works of French philosophers such as Bourdieu and Foucault. Foucault, they discuss the classics cited as a way of perceiving

¹ Possui Doutorado e Pós Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2013), na área da Economia do Bem Estar e da Geografia da Felicidade, graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2006), graduação em Sociologia pelo Centro Universitário "Dr. Edmundo Ulson" (2013), graduação em Relações Internacionais pelo Grupo Educacional Uninter, graduado por meio de Segunda Graduação em Administração pelo Centro Universitário Cidade Verde de Maringá e em Ciências Contábeis pela Universidade de Franca. Mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de São Carlos (2009), Mestrado em Educação Escolar pela Universidade de León (Espanha 2012) Especialização em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (2008). E-mail: claudio.toni@estudante.ufscar.br.

social, economic and gender inequalities in capitalist societies on forms of domination. Male domination in the works of Bourdieu, of economic capital that generates inequalities in which many people hold most of the wealth between nations, by forming intelligible classes and those who do not have the right to a life worthy of protection by the State. In addition to social and symbolic inequalities and how the subject can reinvent itself through struggles and in a liquid and unequal world, in search of new ways of living, so that in the socio-economic and symbolic the socio-economic and symbolic spheres resistance and self-government. The aim of the article is to describe how people have legal rules that appear to be equal before the law. that, in practice, intolerance of race, gender and socio-economic inequalities, of the poor white man, for example, means that the rights of classes with less chance of winning power, such as the community, are minimized. of winning power, such as the LGBTQIA+ community. The relevance and importance of article goes beyond the socio-economic measurement of individuals and communicates with symbolic interactions of being and having, in the moral and ethical question of how the subject can govern themselves and others, even if they live in an unequal country like Brazil.

KEYWORDS: LGBTQIA+ community; Governmentality; Resistance; Knowledge-power.

1 INTRODUÇÃO

A relação de autores clássicos, como Pierre Bourdieu e Michel Foucault e contemporâneos sobre as relações do sujeito com o desafio de vencer as dominações para que possam governar suas próprias vidas, por diversas formas de resistências e formas de opressão no aspecto das desigualdades não apenas socioeconômicas mas também simbólicas, como na relação afetiva e na questão de reconhecimento de direitos no mundo capitalista possui singularidades em cada estilo de ver as relações socioeconômicas e o encontro de si com os outros no afeto e na convivência em sociedade em que aspectos econômicos estão além de dizer sobre o bem-estar no mundo em que vivemos hoje em que outras necessidades se faz presente no mundo capitalista, como o desejo de ser aceito, que vai além do social, e que expressa a busca das pessoas por deixar viver para que possam andar nas ruas e poder voltar em casa diante da inércia do Estados que pouco se importam com as comunidades que carecem de proteção na prática.

Eles possuem semelhanças sincréticas em muitos pontos, como a mudança no modo de ver o mundo dadas as mudanças do capitalismo, que trouxe novos “*habitus*” de vida ou impôs novas fórmulas de natureza individual ante a proteção patriarcal clássica rural do mundo rural e arcaico. Todavia, as mudanças de uma nova estrutura individualista, urbana, com novas tecnologias trouxeram uma mudança do sujeito perante o mundo, mas não trouxeram a afirmação de que estas mudanças (dos séculos XX e XXI) dão a certeza da felicidade, que o mundo urbano é melhor ou pior que o rural; são estilos de vida diferentes, onde há tensões em que as pessoas buscam de forma incansável o seu espaço na vida social, econômica, amorosa. O sujeito em cada período de tempo busca o amor, busca ser amado, tenta uma vez, tenta duas vezes... Mas não significa que irá atingir seu objetivo com as mudanças econômicas e tecnológicas (Illouz, 2011).

O conceito de *habitus* são formas de maneira e de conduta de como as pessoas vivenciam uma dada experiência de vida, as formas e maneiras de se posicionar frente uma dificuldade e de como agir a cada situação, sendo uma estrutura objetiva que correlaciona com a individualidade de elos singulares de cada pessoa.

A relação da estrutura de *habitus* em Bourdieu é discutida ao longo do trabalho nas interfaces de relação saber-poder em Foucault, ou seja, de que maneira os *habitus* sociais são planejados, são decididos e são combatidos pela força de não tolerância de maneiras em que o sujeito é submisso em si e não consegue estar inserido nas relações sociais por inteiro, negligenciando sua palavra em função do gênero.

Os estudos de Jardim (2019) e continuam a se debruçar, cada um com seu estilo, sobre a manutenção dos clássicos. No caso de Jardim (2019), observam-se as novas nuances de se entender o amor, pela continuação da mesma estrutura adotada pelos clássicos citados e pelas inovações que o mundo viveu e vive. O mundo não parou com o fim das escritas dos clássicos, logo, foi pertinente a autora escrever conforme se promoveu a mudança social, de gênero e econômica após os clássicos. Nesta nova ordem social de relacionamentos, pode-se citar: mercado de matrimônio, reprodução assistida e o amor entre pessoas do mesmo gênero.

As formas de dominação do sujeito no campo das sexualidades e da raça, como estigmas de governantes e governados, tendem à vontade de saber, ao modo de disponibilizar pessoas para o mercado pela procriação, para sustentar a cidade nas revoluções, nas dominações e nas conquistas imperialistas. Fato este que demonstra que as relações entre o macho e fêmea foram essenciais para a manutenção da dominação binária, sexista e racista desde os tempos da Antiguidade Clássica.

Trata-se de uma tentativa de construção da igualdade social, racial, das pessoas, do engajamento dos direitos humanos, de construção de políticas públicas em conjunto com governos. As ciências humanas, então, são vistas como um alicerce de ajuda para a construção de uma sociedade mais igualitária nos países desenvolvidos.

Mas por que ela foi colonizada? Segundo o psiquiatra e depois líder e militante, por existir no território africano a oportunidade de explorar as riquezas e tudo que há ou havia nos países de pessoas “incultas”, na visão europeia. Isso com o propósito de fomentar a Revolução Industrial e depois explorar ainda mais, no sentido de vender aos colonizados os produtos manufaturados para a compra daquilo que lhes pertencia, sua matéria prima (COLLINS, 2016).

Sobre a questão do diálogo negro social, ocorreram as conferências de Bandung e as que estiveram em voga no início dos séculos XIX e XX, as quais tentaram dar maior visibilidade ao tema por meio da ciência de uma reconstrução da ideologia negra como sociedade inserida no novo contexto mundial.

Todavia, malefícios trazidos pela Conferência de Berlim, que dividiu a África conforme os interesses imperialistas sem respeitar culturas, identidades, espaços e o Ser de cada um, ainda geram conflitos entre nações em seus próprios territórios, com divisões pacíficas e outras com guerras civis, e o legado de não poder se definir conforme suas próprias identidades. Foi uma violência simbólica cometida em busca de razões egoístas, de conquista de riquezas, de quem se acha superior em razão de *status quo* ou por questões de cor de pele, resultando em identidades violadas (MBEMBE, 2018).

As questões de gênero e raça entrelaçam as linhas de força e de poder, e ainda são um emaranhado de tensões, em que cabe à pessoa viver dia após dia em constante vigilância. No que tange às pessoas transexuais mulheres que querem realizar as cirurgias de transexualização, em especial a de redesignação sexual, a sua performática tem sido mostrada como resultando em mortes no Brasil, em função de sua mera existência, por serem visíveis a olho nu.

Estes fatores demandam, por parte das políticas públicas, uma atenção conjunta em favor da comunidade trans e negra no Brasil, que se igualaram em direitos pela Ação Direta de Constitucionalidade por Omissão (ADO26) e pelo Mandado de Injunção (MI) 4733, sendo que em 2019, no STF, equiparou-se a homo transfobia ao crime de racismo, diante da inércia do Legislativo em elaborar e aprovar leis que defendessem as vidas da comunidade trans. Além disso, não faltam relatos de episódios sobre questões de preconceito pelo fato de uma pessoa ser negra ou trans, e histórias de privações que ainda persistem no que se refere a um apagamento na sociedade em que vivemos.

2 RELAÇÕES SOCIAIS E AFETIVAS DO “BAILE DOS SOLTEIROS” E O CAMPONÊS EM BOURDIEU

“O Baile dos Solteiros” de Pierre Bourdieu (2004), nos anos de 1860, é um clássico de questionamentos de estilos de vida, elegante e delicado, é uma etnografia prática de vivências e de como se relacionavam as pessoas por meio da crise da sociedade camponesa nos anos 60.

Realça a distância social, em relação ao “*habitus*” do camponês no decorrer da vida, por simbolismos etnográficos, reprodução camponesa versus vida da cidade. Percebe-se que há diferença entre viver na cidade e no campo por uma série de signos: moda, estilo de vida, percepção de felicidade ou infelicidade com a vida (TONI JUNIOR, 2019).

Em relação à defasagem, o mundo rural camponês é algo estranho à sociedade burguesa, porém toda sociedade, seja ela urbana ou burguesa, possui sua

história e suas memórias, contaminadas com a nova cultura urbana, econômica e cultural.

Quanto à defasagem da cultura do campo no mercado de casamento, percebe-se que no sul da França as construções civis e matrimoniais são baseadas na primogenitura, na qual o filho mais velho fica no campo para dar continuidade aos negócios da família e as mulheres recebem um dote e se deslocam para as cidades, como Paris. Vê-se um amálgama de diferenças de estilos de vida entre mulheres que viviam no campo, as mulheres da cidade e os homens camponeses que ficavam na terra.

As mulheres se deslocavam para as cidades para trabalhar como faxineiras, babás, cozinheiras, e começavam a ter convivência com o meio urbano da cidade parisiense e outras cidades francesas. Na casa dos 20 anos, também trabalhavam e estudavam no ensino normal, o antigo magistério no Brasil, para serem professoras. Os homens mais velhos ficavam no campo. “Velhos” significava, naquela época, homens primogênitos de 35 anos ou pouco mais, e os mais novos possuíam maior liberdade de sair para a cidade (Bourdieu, 2016).

O dote, em razão do decadente mercado rural, possuía um valor menor do que em décadas passadas, o que não gerava interesse por outros homens camponeses. O jovem Bourdieu (2003) faz uma pesquisa empírica para saber por que estes fatos ocorriam, sobre o casamento, por meio de entrevistas em bailes de fins de semana. O mais famoso é o baile de 24 de dezembro, além de conversas do cotidiano, e também fatos contados por outras pessoas que chegavam a ele, como as falas da mãe de um dado povoado.

Os bailes da cidade de Berné, região rústica da França, como se fosse o sertão do Brasil, possuíam modos de vida e estilos de vida diferentes. No baile, os homens acima de 35 anos ficavam com suas roupas camponesas, bebendo, fumando, sozinhos entre si, em um choque entre o mundo da cidade e o rural. As mulheres com maquiagens, decotes, perfumes, trejeitos e “*habitus*” do corpo, as músicas do campo já eram da cidade, modernas, mostrando a penetração da cultura urbana no baile campestre. Eles iam aos bailes para ver, beber, fumar entre pares, junto a outros homens semelhantes da sua estirpe. Os jovens não dançavam, se sentiam

constrangidos, embora contentes, não sabiam como se comportar, ficavam rindo para seus colegas quando abordados; normalmente eram pessoas que cresceram juntos, mas hoje possuíam estilos de vidas diferentes, todos com idade de se casarem (Bourdieu, 2004).

No campo, no “Baile dos solteiros” de Bourdieu (2004), narra-se a vida de nostalgia. Após seus 35 anos sem conseguir um matrimônio, o sujeito se torna-se decepcionado e infeliz, porém há discordâncias; muitos homens solteiros podem ser felizes solteiros e morrerem solteiros em sua boemia, satisfazendo suas necessidades amorosas e sexuais em casas de prostituição. O fato de não se casarem não traz a felicidade ou infelicidade exata, pronta e acabada, pois ela é subjetiva e depende do íntimo de cada ser humano, de cada homem solteiro que participou, na região de Berné, destes bailes. Muitos não são infelizes, porém muitos o são, e morrem infelizes (Bourdieu, 2006).

Na obra de Bourdieu (2004) estes solteirões iam aos bailes para se divertir e tentar encontrar alguém que lhes possam formar um matrimônio e ter filhos para manter sua descendência, mas que, percebe-se que pelos *habitus* rútricos, mesmo com patrimônio, não conseguem formar uma família e ter filhos e quando morriam, as propriedades ficavam para o Estado por não ter deixado herdeiros, fato que foi importante para o crescimento das cidades em relação ao campo.

Embora não fossem obrigação destes homens casar-se, o sistema lhes impunha as normas, não sendo necessária a construção de uma família tradicional pelo casamento, porém este fato gera a perda do campo que se transforma em cidades. Em Foucault (2003) relata que a submissão da mulher e o casamento heteronormativo é útil para a produção de mão de obra a favor do Estado, além dos dogmas de respeito as tradições religiosas, nas cidades ter filhos era um fator de produção e para que isto fosse possível era necessário o casamento e se abster de ficar próximo a pessoas solteiras para que não lhes perturbasse a formação do dogma imposto: capitalista-religioso.

As mulheres que se deslocavam para as grandes cidades podiam ter “*habitus*” diferentes do rural; podiam estudar e trabalhar em atividades que não se observavam nas fazendas. Porém, as mulheres, por terem determinado privilégio de morar nas

idades grandes, das quais Bourdieu (2004) cita Paris, não tinham o pré-requisito de felicidade plena. Elas podiam sim conseguir um bom casamento; muitas poderiam sentir a nostalgia e a vontade de voltar às origens do rural, e muitas gostariam de serem pedidas em casamento pelos seus ex-vizinhos, podendo haver amor entre culturas diferentes, caso a caso, conforme a individualidade de cada homem e de cada mulher, como se vê nos dias atuais.

Porém, na obra de Bourdieu (2016), há um desconforto para o homem camponês, de forma sincrética. Ele já sabe que não se sente digno desta mulher mais cortejante e elegante, surgindo os falatórios, as ex-vizinhas que fazem isso para animá-los, os solteiros se comportando até certo horário sem falar muito, com jovens inacessíveis para eles, devido a comportamentos diferentes construídos no decorrer do espaço e do tempo (BOURDIEU, 2004; JARDIM, 2019).

No final do baile, se juntam ao som de músicas da época, do estilo camponês, sem serem correspondidos; logo, lhes resta ir embora e cantarem juntos, solitários, e o que importa é a bebedeira, e as canções até perder o fôlego; enquanto no baile se canta “tchã-tchã-tchã”, mais tarde voltam para suas fazendas, terminando o baile do dia 24 de dezembro.

Estes homens se sentem inferiorizados e acabam sozinhos e solteiros, visto que “isso não é para mim”, pela razão do senso de lugar, e acabam solteiros; as mulheres, ex-camponesas, se casam com homens da cidade, diferentemente dos tempos de outrora. Estes homens camponeses ficam sozinhos; suas fazendas, ao falecer, ficam para o Estado; na maioria, as mulheres possuem uma vida matrimonial, pois preferem homens de seu estilo de vida, mais modernos e menos rústicos, e o campo é incorporado pela cidade.

Bourdieu (2006) menciona a ação estruturada de “*habitus*”, que possui sua satisfação em declinar da zona de conforto existente, do empírico para o conceito por meio da Sociologia reflexiva e relacional, ao possuir suas estruturas e limites de padrão de conhecimentos.

O “*habitus*” visa Educação, diálogo, e possui sua etnografia nos anos de 1960 na Argélia, por exemplo, na obra do “Baile dos Solteiros”, através de observação participante e da sócio análise do pesquisador. Realça um desencantamento do

mundo sobre a Argélia, na região de Berné, onde nasceu Bourdieu (1997), e o livro “Miséria do Mundo”.

Pode-se entender, em uma observação participante nas redes sociais como Facebook e Instagram, forte tendência ao simbólico e ao cognitivo dentro das mentes, que não se limita ao Estruturalismo por meio de atos individuais e coletivos nas categorias sociais e de classe, mas dialoga com os “*habitus*” sociais que se modificam ao longo dos tempos, de maneira qualitativa e quantitativa. Podemos citar como métodos qualitativos em Bourdieu a análise do Discurso e de conteúdo ou, por exemplo, o diálogo com a literatura (discurso) e conteúdo que ajudam a entender as nuances das cognições da sociogênese.

3 NOVAS FORMAS DE INTERAÇÃO SOCIAL NO CAPITALISMO: “*HABITUS*” E PERTENCIMENTO

Em 1972, Bourdieu (2003) elabora seus pontos fortes para o desenvolvimento de uma teoria, por meio de um termo advindo da psicologia social em 1959, que relaciona a ideia de inconsciente explicitada na obra “A Dominação Masculina” por meio de prática em forma de gênero.

Bourdieu (2004) reivindica que a Psicanálise e a Sociologia deveriam se unir, visto que pode haver diálogo construtivo para o entendimento de questões sociais como o amor e a tragédia, além dos conceitos mais conhecidos: “*habitus*”, libido, aproximação, *doxa*, sublimação, violência simbólica, complementando os estudos de Bourdieu com aprimoração técnica em seu tempo, nas narrativas de suas experiências em estudos de amor, relacionamentos por redes sociais, mercado econômico do amor, o amor como mercadoria, a venda do amor e relações de gêneros não apenas heteronormativas.

O diálogo construtivo de Bourdieu (2004) entre aspectos sociais e psicológicos nos traz indagações sobre a dominação masculina frente ao feminino. Os homens podem ter filhos com mais idade, enquanto para a mulher, após os 40 anos, é arriscado, ou há chances menores de ter filhos por vias naturais biológicas, muitas vezes necessitando congelar seus óvulos. Este advento está na sociedade do

século XXI, que basicamente impõe um modelo, ou uma preferência do sujeito, muitas vezes de natureza social, de primeiro estudar, trabalhar, terminar um curso de Doutorado, para depois se casar e ter filhos.

A dominação masculina ocorre quando o masculino se sobressai sobre aspectos femininos em determinadas variáveis, por exemplo: a mulher não necessita mais do homem para ter filhos; a mulher, mesmo que de forma vagarosa, tem conseguido seu espaço em atividades antes totalmente masculinas, como caminhoneiras, policiais, CEOs de grandes multinacionais. A dominação existe para determinados sujeitos, e as mulheres do século XXI tem conseguido seus direitos e sua inserção, todavia de forma desigual, ao redor do mundo.

O cunho religioso pode determinar a dominação masculina, de modo que a mulher, ao ser perguntada se quer maior liberdade em seu íntimo, em países de religião muçulmana, pode se sentir melhor protegida e feliz da forma como vive, enquanto outras não. Tem-se que respeitar as escolhas e formas de vida e não impor a quebra de uma dominação quando as pessoas não veem aquele estado de vivência como dominador, e sim como acolhedor. A felicidade é subjetiva para cada ser, e complexa quando se adentra, por exemplo, nas vivências sociais da religiosidade no decorrer dos anos até os dias atuais.

O conceito de hábito foi construído empiricamente na Argélia, na qual fora Bourdieu (1997) soldado na faixa dos 30 anos, realçando a dominação da cultura argelina pela francesa, em explícita defasagem cultural e abnegação da desordem de estruturas, com a troca da moeda para o franco, favorecendo a economia francesa, e a cultura do *Kabile*, onde se vê suas vertentes, a natureza e o poder.

A Argélia, de acordo com Bourdieu (1997) era uma nação que cultuava e estava preocupada com conceitos etnográficos de natureza e religião, enquanto a metrópole pensava em poder econômico, dominação e extração da riqueza para seu território, para depois revender e se apropriar dos lucros que nunca foram seus. Isso ocorre pelo “*habitus*” do inconsciente, “entra por um ouvido e sai pelo outro”. O inconsciente está na mente e no corpo. A Sociologia da Saúde mostra como se produzem os “*habitus*”, o auto controle das emoções e por que forjamos os hábitos, seja pela raça, pelas classes sociais, orientação sexual, gênero ou conjuntura política,

que nunca se esquece. Realça novas e modernas técnicas de socialização através de mudança na estrutura por meio da Educação, por exemplo, onde os professores se tornam comunicadores ao ministrarem aulas remotas devido ao fenômeno da pandemia; trata-se de eventos externos, conjuntura, evento (Bourdieu, 2004).

Diferencia-se Foucault (2014) dos autores do período dos clássicos ao comentar sobre o cuidar de si. Na Antiguidade Clássica a vida era privada, e havia a relação da *phillia* entre amigos, traduzida pela relação entre dois homens, no cuidado da alma, no decifrar dos sonhos conforme Artemidouro, na relação ativa e passiva, em que não importava se era homem ou mulher e sim a posição na relação, que simbolizava a posição moral e social do indivíduo da época.

Na era cristã, o princípio é a subjetividade, a dominação, em que, se o sujeito não se submete às normas, ele é interditado em uma prisão como louco, doente, pederasta, e que deve estar longe da cidade, das fábricas, para não contaminar os homens de bem com seu modo de viver. Não é opção de vida e sim condição de vida para quem, seguindo as normas e reconvertendo a alma, terá a recompensa no pós vida, e deve se combater e viver o que está nas escrituras, contra a sexualidade pederasta – que não produz e conseqüentemente, não gera valor monetário, tampouco ajuda na conquista de povos “incultos”.

No movimento “Black lives Matter”, criado há anos com o suporte da representatividade de décadas já existentes, não se combate nada de novo, apenas a manutenção do ódio e da militância que defende um Estado elitizado e sem minorias. O que os eventos mais recentes mostraram é o que ocorre de forma diária na sociedade americana e no mundo todo, dia após dia.

As práticas contra as minorias de raça e gênero levam à perda de sua dignidade por meio da violência física e psíquica, de modo que indenização alguma paga o que se sente na pele, seja ela da cor que for ou da raça que for. O poder econômico nas linhas de análise de Fanon, Collins, Du Bois e Mbembe está além do que se observa nas análises de Marx sobre as possibilidades de libertação no âmbito endógeno do problema das estruturas que motivaram a colonização da África (Mbembe, 2018).

O racismo e a transfobia vão além da questão de cor e gênero, no Brasil, devido à inércia do poder legislativo ao não ter uma lei específica contra o crime, e sendo o país mais letal em mortes e agressões a pessoas trans no mundo.

Em sessão plenária no STF, foi equiparada a transfobia ao crime de racismo, até que se crie uma lei específica para o assunto. Dada a inércia de um governo que nunca estabeleceu leis próprias para a criminalização da transfobia, o STF equiparou o crime, em 2018, à prática de racismo. Todavia, com a ascensão de um presidente que insultava transgêneros e negros de forma não mais velada como antes, e sim direta, nas mídias sociais, o Brasil tendeu ao retrocesso em termos de direitos humanos, de acordo com os tratados internacionais, como o Pacto de San José da Costa Rica, no que tange aos direitos indisponíveis no combate à discriminação destas minorias, e principalmente no não matar, ou ao menos evitar que estas vidas cometam o suicídio.

O debate sobre a questão mundial da transfobia é desigual entre os países, com maior efetividade em termos de punição em países com democracias mais sólidas, além de movimentos sociais anti transfobia que vão às ruas por maiores liberdades e são vistas pelo poder público. É diferente do que ocorre o Brasil, onde manifestações desta natureza não causam o impacto de conscientização e a punição que se espera.

Os estudos de Bringel e Echart (2008) mostram a evolução da democracia ao longo da história por meio de lutas sociais, ainda que nem sempre os movimentos sociais promovam a democracia, porém, nas décadas contemporâneas, existe a incorporação de novos modelos e formas de luta que não sejam provenientes de uma única direção nas transições democráticas de seus atores: Estado, Economia e Instituições, por meio da existência de fronteiras, que são a ciência, o Estado-nação, a própria instituição e os movimentos em contexto histórico.

Citam exemplos de lugar geográfico, visto que todo movimento contra atos políticos enraizados existe por meio da razão, emoção e dentro de um contexto de lugar. O lugar pode modificar o próprio ato em si de militância. Por exemplo, como seria um movimento ativista na França e no Irã? Teriam a mesma reciprocidade pelo

governo em termos de atender as reivindicações e do próprio aceite dos movimentos? Seriam observados ou massacrados por meio da agressão policial?

Em seguida, o lugar é um fator da ciência geográfica que converge com as Relações Internacionais pelos atores internacionais da globalização que o mundo promoveu, pelas lutas de ativistas que se tornaram mestres e exemplos de luta e por meio de questionamentos da transição democrática como referência importante para os estudos modernos de movimentos sociais.

De acordo com Governo (2019), ter uma identidade com a qual a pessoa não se identifica, como por exemplo, uma pessoa que nasce homem e sente a necessidade de ser mulher para ser feliz, e em muitos casos necessita de cirurgias de transgenitalização facial, corporal e genital para se sentir bem consigo mesma, com seu corpo, é um ponto que distingue a pessoa trans de outras denominações da sigla LGBTQIA+. Para as pessoas trans, não há como esconder seus rostos e aparências existentes, e sua identidade é visada por grupos de agressores que matam por ódio.

Conforme dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA, 2022) foram registrados 151 assassinatos de pessoas transgêneras no ano de 2022, das quais 131 pessoas foram assassinadas das mais cruéis formas e modalidades, como a tiros, por agressão física, ou com armas domiciliares como facas, facões, tesouras, entre outras.

Os lugares são os mais diversos, predominando as suas próprias casas ou a rua, onde se dedicam à profissão de acompanhantes. Na esfera de estar em casa, são vítimas de algum membro do convívio, como namorados, através de relações tóxicas de ódio e pavor. Foram 29 suicídios, ainda que não tenha sido o ano com mais mortes na série histórica.

Em 2020, por exemplo, mesmo na pandemia, o número foi o mais alto, com 175 óbitos, diante de 140 no ano de 2021, o que fez do Brasil o recordista mundial de mortes e suicídios de pessoas transgêneras por catorze anos consecutivos, à frente de Estados Unidos e México, em ordem decrescente no *ranking*, elaborado em conjunto com a *Transgender Europe* (TGEU).

O perfil das pessoas mortas é predominantemente de cor preta, de baixa situação socioeconômica, que possuem baixos índices de escolaridade, na maioria

mulheres trans que se destinam seus corpos à prostituição como forma de manter o seu próprio sustento e de suas famílias e filhos. A maioria está nas ruas pela ausência de políticas públicas de empregos destinadas a estas pessoas, sendo a rua a única solução.

O mercado de trabalho possui resistência em contratar pessoas trans pelo estigma social e socio estrutural da marginalização performática destes corpos, que são pré-condicionados a opiniões negativas, sem se notar que são capazes de fazer qualquer tipo de trabalho que as pessoas cis realizam, bem como ausência de oportunidades para estudar e se qualificar, visto que muitas são expulsas de casa desde cedo e precisam trabalhar para se manter, sem saber se chegarão vivas ao final do dia. Trata-se da necropolítica baseada na crença de que são corpos matáveis; não tem direito nem mesmo à fala pelo preconceito que sofrem.

O Brasil também é líder em acessos à pornografia trans no mundo em plataformas do gênero, nas quais a categoria transgênero ou *transgender*, na *web*, cresceu 75% em buscas em relação ao ano anterior. O relatório aponta que pessoas entre 25 e 34 anos são as que tem maior propensão a ter acesso e consumir vídeos pornográficos trans. No assassinato das vítimas, percebe-se que antes de cometer o ato, existe o fetiche pela morte de quem não está dentro das normas do poder e não deve ser sequer digno de luto; consomem pornografia e depois matam. Esse é o perfil de muitos destes assassinos.

O que salta aos olhos é que o Brasil é um país que carece de ter internet em geral, sem mencionar a qualidade da banda larga, rapidez e tecnologia nela veiculada, em que crianças e escolas, as mais pobres, sequer tem acesso, porém está à frente dos países mais ricos do mundo como Estados Unidos e Itália, com índices de Desenvolvimento Humano (IDH) muito alto, no consumo de pornografia trans. Não se vê o México, por exemplo, que possui situação similar à brasileira em termos de IDH, em posição sequer próxima. (TONI JUNIOR, 2019).

Foucault (2011) menciona na “Coragem da Verdade” os exemplos da vida, como nos cínicos, que se consideram o tipo de conversão de conceitos e que se dizem alunos de Sócrates. Nas experiências do cínico a questão da verdade se volta a um

momento de reflexão e de escape. A coragem da verdade despreza a manifestação a nível de princípios e sua cólera deve ser enfrentada na abertura política.

Diz que o cinismo sobreviveu a todo o século XIX e advém de uma apresentação de uma vida que pode destruir os hábitos de verdade, porém, sendo uma arte de viver, o escândalo cínico pode se transformar em uma conversão filosófica e pela própria experiência religiosa.

Separa o cinismo filosófico do religioso, no qual deve se buscar a verdade e salvar a alma para a eternidade em outras formas de verdade, experiências de espiritualidade cristã filosófica, em que se recorre aos cínicos e a Platão.

Pelo conhecimento, em Foucault, pela sua produção de potencializar uma razão política e de afirmar que não se pode pensar apenas em política, *épistémè* e virtude são coisas unidas, em que existe a ética de um forte elitismo aristotélico.

Quem deveria governar a cidade eram os sábios virtuosos, que podem chamar pelo reconhecimento da sua conduta em serviço do outro e que estão na cidade pelo reconhecimento de sua sabedoria. Estruturas como o capitalismo estão intrínsecas à própria forma de governo, que tinha desde a época Antiga da democracia os próprios interesses ao usar a fala, ao fazer e ter técnicas de apoio a grupos de seus interesses, não pelo bem comum na sociedade.

Com isso, advém as desigualdades sociais e econômicas e uma sociedade de classes em que muito poucos tem, em termos econômicos; poucos possuem o domínio da acumulação capital para si, e não o usam pelo bem comum de forma geral.

Podemos entender que o pós colonialismo europeu, na conquista de povos “incultos” na África, em sua dominação e tortura, mostra a indiferença aos seres diferentes de si. As pessoas eram parte de sua dominação, e a África foi “esquartejada” por mapas em que nem sempre as linhas, traçadas por europeus, diziam respeito à identidade daqueles países, sem que o interesse principal fosse o interesse dos povos daqueles territórios delimitados.

Em suas origens, coexistiam conflitos de natureza religiosa, étnica, de propósito, de grupos, rompendo sua cultura, tradição e objetivos, que não eram importantes para os colonizadores. O que importava para os europeus era o ponto de vista comercial e político daquilo que lhes convinha. Poderiam ter sido evitadas

muitas das guerras que se deram em virtude de religião, etnias, grupos sociais, mas essas questões interessavam apenas aos territórios africanos; eram eles que deveriam ter tido a chance de escolher e ter possuído a autonomia na diplomacia do continente africano, para delimitar territórios e separá-los ou não. Na realidade, foram submetidos à imposição capitalista de alemães, italianos, espanhóis, portugueses, holandeses, belgas, franceses, britânicos etc.

Nas grandes universidades americanas e britânicas o pensamento era nítido na defesa da necessidade do imperialismo na África. No pós colonialismo esta vertente de pensamento foi incorporada e aceita pelos países com maior poder econômico e bélico da Europa, conforme Mbembe (2018).

A trajetória do “*habitus*” como ação e conjuntura é uma possibilidade, dentro dos campos possíveis de realização, devido às incertezas da ação, que pode ser efetiva ou não, conforme as relações sociais, um amálgama de possibilidades que podem ser orquestradas, que podem ou não dialogar umas com a outras. Devido à incerteza de ação, a pré-disposição, a vontade de agir e a posição podem, neste intervalo, ter lacunas que podem impedir a realização de ação social, bem como pode não haver empecilhos, podendo sim dialogar e concretizar seus desígnios pela trajetória e pela heterogeneidade dos eventos de conjuntura no tempo do dominante e do dominado.

O “*habitus*” insere o corpo como fenômeno biológico, como na prostituição ou na maternidade; está ligado a raça, tempo, espaço, lugar, geração, um agente para o mundo, moeda, estilo; observa o corpo vivo representado por movimentos como nos sotaques de regiões diferentes, (campo e cidade; rural e urbano), objetiva como o sujeito se expressa e se insere no contexto das relações de forma complexa, conflituosa, através de sentimentos de emoção, razão, dor, sofrimento, felicidade, amizade; censura e sublima suas sensações no cerne das relações sociais, visto que os agentes são de carne e sangue, veias, de amor à flor da pele nas lutas de classes dos agentes sociais e econômicos.

Objetiva a trajetória, porém depois a explica; exemplos são: como criar políticas públicas pela transformação, não se atendo a conceitos e sim à biografia para se compreender os “*habitus*” que viraram políticas públicas por meio da delimitação

do espaço, que são as variáveis necessárias para um determinado objeto. Já o “*habitus*” crivado é a combinação após escolhas de clivagem pessoal ou de conjuntura que traz consigo mudanças; se espera algo, porém se tem outro, alguém do que se esperava ter, diverso de sua origem; escolher novos objetos, fazer novas escolhas.

A criação de políticas públicas quando o agente olha para a sociedade como um todo, ao trazer saúde, educação, habitação, emprego, dignidade humana e sustentabilidade ambiental de qualidade, pode fazer o agente feliz; se espera que uma pessoa que tenha aspectos socioambientais seja feliz. Porém, como mencionado, há complexidade em mensurar ou dizer que as pessoas são felizes por ter determinados bens objetivos e subjetivos, analisar e mensurar sentimentos, visto que cada ser humano é único e a aparência nem sempre representa a essência do agente.

Logo, o a felicidade para Bauman (2021) podem conjugar em simbologia e se configurar como agentes de bem-estar quando no simbolismo os “*habitus*” de uma pessoa, independentemente de qualquer variável social e econômica, lhe tragam satisfação com a vida. Também pode-se destacar que felicidade e “*habitus*” não são estáticos e podem se modificar a longo dos tempos. O “*habitus*” de hoje que traz felicidade pode não ser mais atrativo no decorrer dos anos, quando o agente adquire novos “*habitus*” e busca a felicidade, que é dinâmica ao longo do espaço e do tempo, por meio de sua essência.

Conforme os estudos de Nogueira et al (2020) e Palha (2019), questões da diversidade sexual e sua negação faz parte de avanço que ocorreu no Brasil contemporâneo pregados em denominações religiosas que impera em nome de Deus que a pessoa não hereonormativa não é digna de direitos, inferiorizando-as.

Embora com grandes desafios, há elos de resistências como a deputada Erika Hilton² na Câmara dos deputados, além de outras pessoas da classe LGBTQIA+ e deputados e senadores que entendem a relação de disparidade no Brasil entre os gêneros, que mostram efetividade na inclusão de propostas de leis que podem fazer valer os direitos das pessoas LGBTQIA+. Entretanto nas duas últimas legislaturas federal a maioria eleito foi de centro e extrema-direita e que há necessidade de

² Luta e resistência de deputadas trans na Câmara dos deputados. Disponível em: ><https://www.youtube.com/watch?v=qlayCSGgZ50><. Acesso: 12. Ago. 2024.

representação legislativa que seja na maioria coerente com pautas de direitos humanos, que vise a igualdade de direitos a todos.

Este discurso, conforme Souza (2024) se espalhou no Brasil na eleição de um presidente que extravasa na mídia seu despreço a população LGBTQIA+.

O intitulado “pobre de direita”, pessoas que recebem de 2 a 5 salários mínimos, que residem na região de Sul e no estado de São Paulo, predominantemente brancos e negros evangélicos é a força necessária para operar este discurso e se sentem legítimos representantes da moral e dos valores éticos cristãos, como se da elite fossem.

Devido as disparidades socioeconômicas no Brasil, onde a elite letrada e abastada financeiramente e a classe média remediada em razão das pautas de esquerda, de não querer ver pobre, negro, a classe LGBTQIA+ nas universidades públicas, por exemplo, sendo um lugar preterido pelas classes dominantes, encontrou no pobre de direita a quantidade de pessoas que necessitava para tornar o Brasil no dialogo da repressão pelo convencimento das escrituras, seu trinfo, pois sozinha a elite e a classe média remediada somam em torno de 20% da população, quantidade insuficiente para ter legitimidade de poder.

O discurso da extrema direita em angariar e trazer para si o bom homem de família, emite no enunciado uma forma que as pessoas pobres e pretas se incluem mesmo que as pautas voltam contra si mesmas³ após realizar sua serventia, sendo apenas dentro da igreja e dentro da sociedade de *habitus* controverso a quantidade de pessoas necessárias a fazer com que os discursos de extrema direita contra as pessoas vulneráveis e se esquecem ou gostariam de não estarem inclusas.

O pobre de direita, torna-se um grupo de relevância aos anseios da extrema direita, devido a seu contexto histórico de ações frustradas em suas vidas sociais e econômicas e quando encontram este discurso de pseudo-acolhida sentem-se parte da mesma classe, da classe média remediada, porém não sabe discernir pela ausência de capital cultural, que estão sendo usados no período em que são importantes, ou seja, na hora de votar e realizar protestos, após serão excluídos das

³ Negacionismo contra o racismo. Disponível em: >
<https://www.youtube.com/watch?v=DXg8dfynO2s,.> Acesso: 12. jul.2024

políticas sociais iguais as pessoas vulneráveis até que sobrevenha nova eleição e com o novo discurso do dirigente eclesiástico de que ele é diferenciado dos que não seguem a palavra viva de Deus como as pessoas transgêneras por exemplo, sendo conforme Foucault (2011) relações de saber-poder que se transferem ao longo dos tempos em cada momento da sociedade e que se tornou uma rotina no Brasil pós golpe de 2016.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao equiparar o conceito de raça à condição das pessoas transgêneras para minimizar atos de discriminação, mesmo não sendo a cor o objeto principal do ódio quando se percebe a discriminação da pessoa trans, foi a decisão mais legítima até hoje que se adotou pela Suprema Corte brasileira, mesmo que muitos teóricos digam que há mistura de elementos de cor e raça. Os transexuais foram qualificados como pertencentes a uma mesma “raça”. Isso é melhor que ausência jurídica, dada a carência de preocupação com suas vidas pelo Estado brasileiro.

Podemos dizer, em linguagem de senso comum, que venderam a África, venderam o que lhe foi roubado, em espécie monetária, além de não lhe ter sido permitido de forma soberana escolher seu próprio espaço, sua cultura, suas conquistas, sua ciência, seus dogmas. Se não houvesse ocorrido a divisão imperialista imposta, os territórios poderiam ser mais diferentes e humanos, mas foram definidos conforme os padrões dos donos dos territórios e divididos pela ganância.

Ao dialogar com autores clássicos, nos mostrou que a busca pela felicidade não se distancia do individualismo que trouxe o “olhar para mim” de forma contemporânea, onde tudo se pode comprar ou barganhar.

Porém, a busca pelo amor, conforme Bauman (2021) no campo, na cidade, por meio da razão, da emoção, do sentir e dos afetos, pelos sentimentos psicossociais, nunca deixou a Revolução e a mudança do tempo e no espaço, mesmo que tenha havido mudanças de valores sociais e comportamentais. Seja qual for a forma de vida cotidiana no século XXI ou nos séculos anteriores, ela traz uma reflexão

única: a busca pela felicidade, a tentativa de ser feliz, seja qual for a forma de cada um. Vê-se a busca pelo amor, hoje por meio de redes sociais, como uma forma tecnológica mais ampla de almejar seu sucesso amoroso e na vida como um todo, porém, a tecnologia não significa que a pessoa será feliz e terá amor; busca-se a felicidade, porém ela é incerta.

A revolução de gênero e sexual, que acarretou a alteração dos valores. As mulheres passaram a ser as principais demandas da psicoterapia; tendo relação com estas teorias, a autonomia gerada pelo feminismo pode trazer maior liberdade, porém traz consigo mais problemas, por agora poderem escolher seu parceiro, que pode dar certo ou não, gerando conflitos com outros autores. Ganham mais liberdade, porém agora devem cuidar de suas vidas afetivas, ser boas mães, ter possibilidades de inserção no mercado de trabalho, têm maior liberdade com seu parceiro de igual para igual e são menos submissas.

A individualidade é o “eu” como supremo, o que causa rupturas entre os quadros como a família, pois agora são responsáveis pelo seu sucesso ou fracasso nos séculos XX e XXI; o indivíduo se torna desamparado com a quebra dos casamentos como proteção. As mulheres antes tinham poucas escolhas, como por exemplo, se transformarem em freiras ou se casarem pela proteção da família e dos pais.

Sai de cena o amor romântico para entrarmos no ambiente da paixão, da igualdade e da autoafirmação, se configurando o amor platônico. Hoje há apenas a paixão e o amor físico, trazendo sofrimento principalmente às mulheres em detrimento dos homens; hoje eu amo e depois me caso, desamparado por Instituições como o casamento tradicional.

O preço a se pagar pela liberdade pode ser a loucura, a depressão e a solidão; a paixão pode não se transformar em amor, a nostalgia de poder escolher, mas com a possibilidade de não ter sucesso no amor, na vida pessoal do trabalho e nas relações sociais como um todo, gera a incerteza. Qual dos dois modos de viver o amor é melhor, com liberdade ou com a proteção arcaica dos pais?

Da mesma forma que no “Baile dos Solteiros”, pode haver homens e mulheres que mesmo não tendo a modernidade de hoje citada pelos autores, podem alcançar

a felicidade, e sua busca latente estava em voga. Muitos foram felizes sozinhos, independente de gênero, e estar sozinho pode, para cada indivíduo, ser um ponto de felicidade ou infelicidade.

Ao trazer para o debate outras variáveis que os clássicos citados não viram, como o amor pela busca do parceiro desejado, incluindo perfis desejados e excluindo outros não atraentes de uma modernidade ora líquida e ora em busca de uma pretensa ilusão do impossível em que a felicidade é um estágio da vida da pessoa em determinados momentos de sua vida, onde se busca sempre o bem-estar para estar bem consigo e com os outros.

Além disso, mostram a relação de gênero, de dominação masculina ainda nos dias atuais, com mulheres mais propícias a novas experiências no amor e outras mais tradicionais, homem sensíveis e outros machistas, raça, desigualdade social, pessoas reprimidas, “dispensadas” por não serem o estereótipo da maioria ou de uma pessoa em especial, como acontece nas redes sociais de relacionamentos, na busca de parceiros e as escolhas e desencontros na busca pelo amor, que pode trazer ou não a felicidade por meio de um ciclo social de busca.

REFERÊNCIAS

ANTRA. Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Dossiê. **Assassinatos e Violências contra Transexuais e Travestis Brasileiras em 2022**. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>>. Acesso em: 06 mar. 2023.

BRINGEL, B.; ECHART, E. Movimentos Sociais e Democracia: “Os Dois Lados das “Fronteiras””. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 457-475, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792008000300004&lng=en&nrm=isso>. Acesso em: 05 dez. 2022.

COLLINS, P. H. Aprendendo com a *Outsider Within*: a Significação Sociológica do Pensamento Feminista Negro. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 31, Número 1, janeiro/abril 2016. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 14 jun. 2022.

DU BOIS, W. E. B. Strivings of the Negro People. **The Atlantic**, 1897. Disponível em: <<https://cdn.theatlantic.com/media/archives/1897/08/80-478/131953250.pdf>>. Acesso em: 29 abr. 2022.

BAUMAN, Zigmunt. **Cegueira Moral**: A perda da sensibilidade na modernidade líquida. Ed. Zahar. Rio de Janeiro. 2021.

BOURDIEU, Pierre . **A Miséria do Mundo**. Ed. Vozes. Petrópolis. 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Dominação Masculina**. A dominação masculina. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

1. BOURDIEU, Pierre. **El Baile De Los Solteros**. Editora Anagrama. Barcelona, Espanha. 2004.

2.

BOURDIEU, Pierre. O Camponês e seu Corpo. **Revista de Sociologia e Política**. ISSN 1678-9873. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/8106>. 2006. Acesso: 12. mai. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: Crítica social do julgamento. Editora Zouk. Porto Alegre. 2011

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Editora Graal. Porto Alegre. 2003.

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade**. O Governo de Si e dos Outros II. São Paulo: Editora Martins Fontes. São Paulo. 2011.

GOVERNO. **Resolução N. 2265 de 20 de setembro de 2019**. Dispõe sobre Cuidado Específico à Pessoa com Incongruência de Gênero ou Transgênero e Revoga a Resolução CFM nº. 1995/2010. Diário Oficial da União. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/resolucao-n-2.265-de-20-de-setembro-de-2019-237203294>>. Acesso em 12 jul. 2022.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar. 2011.

JARDIM, M. Para além da fórmula do amor: amor romântico como elemento central na construção do mercado do afeto via aplicativos. **Revista Política & Sociedade** - Florianópolis - Vol. 18 - Nº 43 - Set./dez. de 2019.

PALHA, Amanda. Transfeminismo e construção revolucionária. *Margem Esquerda*, v. 33, p. 11-18, 2019.

SOUZA, Jêsse . O pobre de direita. A vingança dos bastardos. Ed. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2024.

NOGUEIRA, LEONARDO; PEREIRA, MAYSA; TOITIO, E. RAFAEL. O Brasil fora do armário. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

TONI JUNIOR, Claudio Noel de. **Análise socioambiental da região metropolitana de Ribeirão Preto:** bem estar e felicidade. ISBN: 978-85-7993-819-1. Autores/Organizadores: Claudio Noel de Toni Junior e Magda Adelaide Lombardo. Pedro e João Editores. São Carlos. 2019.

TGEU- Transgender Europe. **Trans Right Index and Map 2024.** Berlim. 2024. Disponível em: > <https://tgeu.org/tgeus-trans-rights-index-map-2024-reveals-polarisation-in-trans-rights-in-europe-and-central-asia/>,. Acesso: 05. mai. 2024

Recebido em (Received in): 29/07/2024.
Aceito em (Approved in): 22/11/2024.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).